

Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do Jornal “O Universal”- 1825 a 1832.

Runway slaves in Minas Gerais, and the announcements of the newspaper “The Universal” 1825 a 1832.

Marcia Amantino¹

Artigo recebido em 08 de agosto de 2006 e aprovado em 31 de outubro de 2006

Resumo

O artigo analisa o perfil de escravos fugitivos na cidade de Ouro Preto no período de 1825 a 1832, através do estudo de anúncios veiculados no Jornal “O Universal”. Este trabalho objetiva ainda identificar as causas de tais fugas assim como também examinar o cotidiano da vida em cativeiro.

Palavras-chave: fugas, escravidão, jornal, anúncios.

Abstract: This article analyses the profile of runaway slaves in Ouro Preto city during the period between 1825-1832, through the study of advertisements veihced by the newspaper entitled “O Universal”. This work also aims at both identifying the underlying causes for those flights as well as examining daily slave life in captivity.

Keywords: runway, slaveness, newspaper, advertisements.

Introdução

Os anúncios publicados em diferentes jornais que circularam no Brasil, durante o século XIX, a respeito dos negros cativos, foram alvos do interesse de Gilberto Freyre, pelo menos, desde os primeiros anos da década de 30. Destarte, em 1934, Freyre proferiu uma palestra no Rio de Janeiro, intitulada “O escravo nos anúncios de jornal do tempo do Império” e, no ano seguinte, publicou o ensaio “Deformações de corpos de escravos fugidos”.² Segundo o próprio autor, “...aquêlê ensaio e a conferência proferida em 1934, no Rio de Janeiro ... desperta[ram], quando surgiram ...pouco interêsse da parte do

¹ Professora do Mestrado em História do Brasil da Universidade Salgado de Oliveira- UNIVERSO - marcia-amantino@terra.com.br

² Gilberto Freyre. Deformações de corpo de escravos fugidos. In: *Revista Novos Estudos Afro-Brasileiro*. São Paulo, 1935

público...". Entretanto, chamaram a atenção de um grupo reduzido, atento ao que significavam aqueles trabalhos. Roquete Pinto classificou as obras como “...uma contribuição original e pioneira para as ciências do Homem, feita por antropólogo brasileiro e sobre material brasileiro...”³

Somente no ano de 1963, Freyre publicou o livro *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*.⁴ Tal obra foi resultado daqueles diversos anos de pesquisas pioneiras objetivando entender os aspectos sociais e cotidianos da escravidão a partir de uma fonte específica: os anúncios publicados por senhores buscando recuperar seus cativos fugidos. Todavia, ainda naquela época, este tipo de abordagem era uma novidade em termos metodológicos e teóricos. Assim, esta obra não mereceu a atenção necessária.

Tempos depois, com as alterações sofridas no âmbito da historiografia, a obra de Freyre foi revisada e, apesar de vários questionamentos e discordâncias, foi resgatada e passou a ser percebida pela sua originalidade em termos de concepções metodológicas e de uso de fontes até então desprestigiadas. Desta maneira, seguindo de perto as orientações de Freyre, algumas pesquisas e artigos foram produzidos sobre o cotidiano da escravidão e fugas de escravos utilizando como fontes principais os jornais publicados em variadas regiões e períodos do século XIX.⁵

Seguindo a trilha aberta por Freyre, esta análise utiliza este tipo de fonte para verificar o perfil do escravo que fugia nas imediações da cidade de Ouro Preto entre os anos de 1825 a 1832 e que tiveram seus anúncios publicados no Jornal “O Universal”. A idéia é, evidentemente, a mesma tida por Freyre e todos aqueles que trabalharam com anúncios de jornais objetivando conhecer o cotidiano da escravidão. Entretanto, os anos que separam as pioneiras análises com este tipo de fonte e a produção atual da historiografia brasileira e mundial permitem enveredar por novos caminhos. A concepção teórica e metodológica que serve de base a este texto pode ser compreendida como fruto das discussões da História Social e Cultural no seu sentido mais amplo, ou seja, nas discussões com as áreas que de alguma maneira se aproximam da história - a Antropologia, a Sociologia, a Etnologia e outras. Além disto, na medida do possível, busca incorporar os debates atuais a respeito dos grupos de procedências africanas e as questões que envolvem análises sobre a saúde de populações históricas.

3 FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*: tentativa de interpretação antropológica, através de anúncios de jornais, de característicos de personalidade e de deformações de corpo de negros ou mestiços, fugidos ou expostos à venda, como escravos, no Brasil do século passado. Recife: Imprensa Universitária, 1963. 224p. Prefácio

4 Idem.

5 GRAF, Marcia Elisa de Campos. O escravo no cotidiano: através dos anúncios de jornais paranaenses da segunda metade do século XIX. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Tropicologia*, Recife, 1986, p. 117-122; SCHWARCZ, Lilia M. *Retrato em branco e negro*: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Cia das Letras, 1987. .

O Jornal O Universal

O jornal "O Universal" tem um perfil político que tende à crítica ao governo monárquico. São comuns notícias de Paris e sátiras ao governo, mostrando suas deficiências e inoperâncias. Entretanto, as matérias mais agressivas são sempre assinadas por um pseudônimo e o jornal enfatiza que não tem qualquer responsabilidade sobre elas.

Embora o jornal circulasse em Ouro Preto, pode-se perceber que foi utilizado para veicular anúncios de escravos fugidos de outras localidades de Minas Gerais e até mesmo de regiões da Província do Rio de Janeiro, demonstrando a circularidade de informações e de pessoas que ocorria entre as duas províncias. Os anúncios de escravos fugidos estão colocados, quase sempre, na última página com a caixa e a letra um pouco menor que o do restante do periódico. Eles aparecem com o título "aviso" ou "anúncio".

Pode-se identificar que os 65 anúncios não estão distribuídos de maneira igualitária pelos sete anos analisados. De setembro de 1825 a novembro de 1830, há um total de 25 anúncios englobando 36 escravos, [1,4 escravos por fuga, em média]. Nos anos de 1831 e 1832, há um total de 37 anúncios envolvendo 80 escravos [2,6 cativos por fuga, em média]. Estes números podem revelar um pouco acerca do que estava ocorrendo na sociedade brasileira e também sobre o questionamento da legalidade do tráfico atlântico. O ano de 1831 foi marcado pela promulgação da Lei Diogo Feijó, que declarava livres todos os escravos vindos de fora do Império. Tal lei foi consequência das pressões britânicas sobre o Império brasileiro, mas, rapidamente, mostrou-se ser letra morta, já que a fiscalização efetiva quase nunca ocorreu. Todavia, algumas pesquisas têm apontado para o fato de que a partir desta lei, os africanos intensificaram as pressões sobre a sociedade questionando, via legalidade ou não, seu cativo⁶. Nos meses que a antecederam e nos imediatamente posteriores, houve uma grande discussão social e um incremento da movimentação de escravos que não aceitavam a legalidade de seu cativo e o aumento do número de escravos fugidos anunciados no Jornal O Universal pode ser um sintoma desta situação.

O Perfil dos Escravos e as Razões das Fugas

Através do conjunto das informações veiculadas a respeito dos fugitivos, pode-se saber um pouco sobre o seu perfil. Nos 65 anúncios publicados, identificou-se um total de 116 escravos fugidos. Destes, 97 referiam-se a cativos do sexo masculino, oito eram mulheres e em 11 casos não foi possível identificar o sexo.

6 MAMIGONIAN, Beatriz. Revisitando a 'transição para o trabalho livre': a experiência dos africanos livres. In FLORENTINO, Manolo (Org.) *Tráfico, Cativo e Liberdade*. Rio de Janeiro, séculos XVII-XIX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do Jornal "O Universal" - 1825 a 1832.

Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 59-74, 2006

TABELA 1- Distribuição segundo sexo e etnia dos escravos anunciados no "O Universal"

Sexo	Africanos	%	Crioulos	%	Indeterm.	%	Total	%
Homens	52	91.22	37	92.5	8	42.10	97	83.62
Mulheres	5	8.78	3	7.5	0	0	8	6.90
Indeterm.	0	0	0	0	11	57.90	11	9.48
Total	57	100	40	100	19	100	116	100

Fonte: Jornal O Universal, Ouro Preto- 1825 a 1831

A esmagadora maioria de homens entre os fugitivos nos anúncios não deve ser explicada somente pelo fato de que eram predominantes no conjunto da escravaria. A presença pouco marcante de mulheres, sejam elas crioulas ou africanas, no contingente de fugitivos, deve ser também questionada a partir das suas relações familiares. Um dos motivos principais para tão baixo resultado, se comparado com os homens, é provavelmente o estabelecimento de laços familiares fortes o bastante para evitar as fugas e, principalmente, a existência de crianças que dependeriam delas. No caso mineiro, há ainda a grande possibilidade de alforrias conseguidas pelas mulheres, desencorajando-as a partir para uma atitude tão radical como a fuga.⁷

Os anúncios do Jornal "O Universal" demonstraram que mesmo em um contingente pequeno de cativos, a proporção de escravos africanos era maior que de crioulos. Havia um total de 57 africanos e 40 crioulos. O que provocaria esta situação? Uma explicação possível seria o quão socializado o cativo estaria junto aos demais escravos. Normalmente, o africano era inserido no contingente de escravos através do tráfico, já em fase adulta, pois o sistema privilegiava claramente homens adultos aptos para o trabalho. Chegando à fazenda, era considerado, pelos demais escravos, como mais um concorrente, já que seria mais um candidato às poucas mulheres existentes.⁸ Além disso, era "boçal", pois não conhecia a língua e os costumes e, agravando ainda mais a sua situação, o africano chegava sem seus laços parentais. Foi possível identificar a idade de 25 escravos fugidos africanos dentre os anúncios. Nestes casos, 22 indivíduos haviam fugido com idades variando de 14 a 30 anos. Esta informação pode nos dar um indício de que este contingente de pessoas estava realmente sem laços parentais, pois apenas oito indivíduos eram "moleques". A grande maioria fugia durante a fase adulta, indicando,

7 RUSSEL-WOOD, A.J.R. *Escravos e libertos no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 79; BELLINI, Lígia. Por amor e por interesse: a relação senhor-escravo em cartas de alforria. In: REIS, João José (org). *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1988. p. 71-86; PAIVA, Eduardo França. Coartações e alforrias nas Minas Gerais do século XVIII: as possibilidades de libertação escrava no principal centro colonial. *Revista de História*, USP, n. 133, p. 49-57, 1995.

8 FLORENTINO, Manolo & GÓES, José R. Tráfico negreiro e estratégias de socialização parental entre os escravos do meio rural do Rio de Janeiro - 1790-1830 in: Lemos, Maria T. *América Latina e caribe: desafios do século XXI*, Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1995. p. 201-219 e *Paz nas senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico*. Rio de Janeiro, c. 1790-1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.



quem sabe, uma ausência de relações sociais capazes de fazê-los ficar nas fazendas. A fuga se apresentava para estes escravos como uma solução imediata para seus problemas. Corroborando esta idéia, percebeu-se que apenas três fugitivos tinham de 31 a 50 anos, portanto, com maiores chances de terem conseguido alguma forma de arranjo familiar.

Com o crioulo ocorria exatamente o contrário. Ele era inserido no sistema basicamente através do nascimento, portanto, com ligações parentais fortes o bastante para conferir-lhe algum tipo de suporte emocional. Mesmo aquele inserido já adulto, através de compra, não era um inimigo, posto que não era um estranho. E, principalmente, sabia manejar com certa habilidade os valores que se esperava que ele manipulasse. Entretanto, mesmo possuindo todos esses valores ou, talvez, exatamente por tê-los, o escravo crioulo também fugia em proporções elevadas.

O que levava o escravo, africano ou crioulo, a fugir? Pode-se afirmar que inúmeros fatores coexistiram para levar o cativo a tomar uma decisão tão radical. As fugas ocorriam, evidentemente, por uma negação ao seu cativo. Entretanto, havia mais do que isto. O escravo fugia porque percebia que não lhe restava alternativas dentro do sistema. A fuga significava para o fugitivo recobrar o domínio sobre sua vida, refazer, no caso dos crioulos, possíveis laços parentais, acabar com os castigos e dispor de sua força de trabalho como lhe aprouver.

Para o cativo, a fuga significava romper com laços sociais e afetivos, deixando para trás uma comunidade já estabelecida, partindo rumo ao desconhecido e ao perigo de ser recapturado e ter as condições de vida pioradas. A fuga significava, para o africano, uma tentativa de dispor de sua própria vida e quem sabe encontrar companheiros de sua região de origem. Aquele recém chegado no plantel era o que tinha menos a perder com a fuga, já que não possuía, na maior parte das vezes, relações afetivas no cativo.

À medida que fomos conhecendo o conteúdo dos anúncios, perceberemos alguns dos motivos que tiveram aqueles escravos para fugirem. Vejamos a organização das fugas. Entre os anúncios foram identificadas 14 fugas coletivas. Elas são importantes para vislumbrarmos as possíveis redes sociais entre os cativos. Destas 14 fugas, apenas uma era composta somente por crioulos e, no caso, eram irmãos. Quatro anúncios envolviam africanos e crioulos; um caso foi formado por africano e uma pessoa não identificada; mais um anúncio tratava da fuga coletiva de 4 pessoas indeterminadas e sete outros englobavam apenas fugitivos africanos. As fugas que envolviam africanos claramente estão definidas entre aquelas que ocorriam com negros provenientes da região Centro-Occidental e os da África Oriental.⁹ Assim, temos o seguinte quadro para os que fugiam coletivamente e eram africanos:

9 A maior parte dos cativos que viviam no sudeste brasileiro, mais precisamente na grande lavoura de Rio de Janeiro e São Paulo e na agropecuária do Sul de Minas Gerais, era de africanos provenientes da região Centro-occidental da África e tinham suas línguas ligadas ao tronco lingüístico Bantu.

Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do Jornal "O Universal" 1825 a 1832.

Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 59-74, 2006

63



TABELA 2- Fugas realizadas por africanos de acordo com os grupos de procedências e localização

Grupos de procedências dos africanos	Localização
Congo + Cabinda	África Centro Ocidental
Congo + Congo+ Congo *	África Centro Ocidental
Benguela + Benguela	África Centro Ocidental
Congo + Cabinda	África Centro Ocidental
Inhambaia (Inhambane) + Moçambique	África Oriental
Benguela + Benguela *	África Centro Ocidental
Borundos + Borundos	
Benguela + Benguela	África Centro Ocidental
Inhambame + Inhambame	África Oriental
Congo + Benguela *	África Centro Ocidental
Angola + Mina *	África Centro Ocidental + África Ocidental (Baía de Benin)
Congo + Indeterminado	África Centro Ocidental

Fonte: Jornal O Universal, Ouro Preto- 1825 a 1831

Pode-se perceber que as fugas coletivas se davam entre os africanos que possuíam valores culturais muito próximos, ou seja, com pessoas provenientes dos mesmos grupos de procedência.¹⁰ O único caso que envolveu a fuga de cativos cujas áreas de procedências eram diferentes foi a que ocorreu em Campos dos Goitacazes. O anúncio informa que fugiram 26 escravos da Fazenda de Luiz Antonio Leal. Dezesete teriam ido para a região de Minas Gerais. Destes, o anúncio cita o nome e a origem de alguns: São 5 crioulos, 7 angolas e 1 mina.¹¹ Entretanto, pelo número de cativos fugidos, parece se tratar de uma revolta na fazenda seguida de fuga de parte dos escravos.

Esta estrutura organizacional das fugas por grupos de procedências pode sugerir que da mesma forma que os casamentos,¹² as fugas tenderam a ser endogâmicas. Isto significa postular uma relação social mais intensa entre os procedentes da mesma área cultural, mas também indica que entre estes e os demais cativos, havia conflitos ou pelo menos, uma cisão. Entretanto, a grande

* Crioulos fugiram junto com africanos

10 SOARES, Marisa de Carvalho. *Devotos da cor: Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, cap.3.

11 Jornal O Universal. 9 de abril de 1832.

12 FLORENTINO, Manolo & GÓES, José R. Op. Cit.

maioria das fugas foram perpetradas por pessoas sozinhas, demonstrando que a atitude de fugir era uma decisão solitária.

Se no tocante às fugas coletivas, os africanos levavam vantagem sobre os crioulos, a situação muda completamente quando analisamos a ocupação dos fugitivos. Neste aspecto, por mais que o total de casos de fugitivos que possuíssem uma especialização fosse pequeno, há um predomínio dos crioulos. Dentre os 116 escravos anunciados, apenas 16 fugitivos tinham algum tipo de especialização profissional. Todos homens. Destes, 12 eram crioulos. O que podem significar estes números? O que primeiro chama a atenção é o fato de que os números sugerem que para o crioulo, portador de uma cultura mais adaptada aos padrões coloniais, conhecedor da língua e integrante de redes sociais amplas e estáveis, era mais fácil o aprendizado de uma ocupação.

Contudo, a maior parte dos anúncios sobre os escravos fugidos do Jornal "O Universal", refere-se aos cativos que não possuíam especialização (100 casos). O que representa este dado? Poderia-se dizer que o escravo sem especialização fugia mais porque era a grande maioria no contingente escravista. Contudo, constituiria uma explicação simplista e que na realidade nada responderia.

A aprendizagem de uma profissão era algo que poderia interferir na qualidade de vida do cativo. Ser um escravo especializado significava valer mais, portanto, poderia ser melhor tratado pelo seu senhor. Possuir uma ocupação era ter uma posição "privilegiada" dentro do contingente escravista.

Aceitando o fato de que a especialização desencadearia melhorias nas condições de vida dos escravos, seria de se supor que não tentariam fugir tanto quanto um escravo sem qualquer conhecimento profissional específico e, portanto, sem qualquer regalia. Mas, mesmo possuindo uma diferenciação frente aos demais cativos, o especializado em alguma função, fugia. É evidente que a principal causa desta fuga, e de outras, é a não aceitação do cativo. Todavia, este tipo de escravo tinha uma vantagem sobre os demais: o exercício de uma profissão após a fuga poderia lhe propiciar alternativas de vida e a possibilidade de se passar por livre era grande.¹³

Um outro elemento que pode ser percebido nos anúncios do jornal "O Universal" remete aos aspectos culturais dos fugitivos. Dos 116 escravos anunciados, 24 foram descritos com algum indício que nos permitiram perceber determinados itens culturais. Deste universo de 24 escravos, 14 eram africanos que possuíam traços distintivos de sua cultura de origem marcados definitivamente nos corpos: sete tinham nos rostos, peitos e braços, as marcas de suas nações; cinco possuíam os dentes limados ou abertos, um possuía um furo no lábio superior e um tinha as orelhas com furos.

13 ALGRANTI, Leila Mezan. *O feitor ausente*: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro, 1808-1822. capítulo 2; SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. *Negro na rua*: a nova face da escravidão. São Paulo: Hucitec, 1988.

As marcas corporais são elementos importantes em diferentes culturas. São elas que *estabelecem o sentimento de pertencimento a este ou àquele grupo. E, mais ainda, as marcas* servem para registrar a memória do grupo. O corpo assume o espaço onde são inscritos elementos tribais importantes e que não devem ser esquecidos. De acordo com Clastres, “...A *marca é um obstáculo ao esquecimento. O próprio corpo traz impresso em si os sulcos da lembrança. O corpo é uma memória...*”¹⁴

Os anúncios dos jornais com este tipo de descrição - que priorizava os aspectos culturais africanos - foram muito comuns, em parte porque era uma maneira eficiente e rápida de localizar e reconhecer um fugitivo. Um outro jornal de Minas Gerais, intitulado “O Guarda Nacional”, assim descreveu quatro escravos fugidos que estavam presos na cadeia de Ouro Preto¹⁵

..Anúncio

Na cadeia desta cidade existem quatro escravos fugidos, cujos nomes e signaes são os seguintes: João de nação Moçambique, estatura ordinária. Bem feito de corpo, com signaes nos cantos dos olhos e na testa todos voltados a maneira de meia lua, com riscos dentro dos círculos e uma orelha furada; diz ser escravo de Dona Francisca Bernarda, moradora na rua do Sabão adiante do Largo do Capim da Cidade do Rio de Janeiro e diz que a dita sua Senhora é filha de Lisboa. Frederico de nação Moçambique, baixo, cheio de corpo, dentes abertos, signaes nos cantos dos olhos e na testa todos voltados a maneira de meia lua com riscos dentro do círculo, orelhas furadas, diz ser escravo do capitão Thomaz Francisco, morador na sua Fazenda da Pedra Branca. Pedro de nação Angola, estatura ordinária, cheio de corpo, com faltas de dentes do queixo de cima, diz ser escravo do Alferes José Pereira Valverd, morador na sua Fazenda do Piau. João de nação Congo, estatura ordinária, delgado de corpo, com um signal grande no peito a maneira de um recortado e outros signaes nas costas, uma orelha furada, diz ser escravo de José Bento, morador na Villa de Barbacena. Quando não sejam procurados por seus senhores se entregues a justiça para serem arrematados a fim de se não consumirem em despesas os seus valores...
Ouro Preto, 19.8.1838

Além dos 14 africanos descritos pelo jornal “O Universal”, havia mais um que portava consigo um elemento de ordem cultural. Durante sua fuga preocupou-se em carregar seu cachimbo e uma bolsa com tabaco. De acordo com Agostini,¹⁶ os cachimbos decorados fora usados pelos escravos como

14 CLASTRES, Pierre. Da tortura nas sociedades primitivas. In: *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed. 1990. p. 128

15 Jornal *O Guarda Nacional*, Ouro Preto, 29.8.1838

16 AGOSTINI, Camilla. Resistência cultural e reconstrução de identidade: um olhar sobre a cultura material



mecanismos propiciadores de “manifestação de etnicidade” e como “veículos de informação” sobre suas culturas africanas, muitas vezes recriadas no Brasil. Entretanto, o tabaco não era de uso exclusivo de africanos. José Custódio, crioulo, fugiu em setembro de 1827, carregando tabaco e uma viola.

Além destes elementos tradicionais da cultura africana, alguns outros anúncios remetem a visões que procuravam mostrar o cativo com características psicológicas conferidas pelos seus senhores: dois africanos foram identificados como sendo muito ladinos; um crioulo, que costumava mudar o nome de seu senhor, foi considerado “muito esperto e velhaco em seus negócios”;¹⁷ outro como “muito vivo de natureza”; um outro foi tido como “folião” e um último como “civilizado e muito espevitado”.¹⁸

Nem sempre as imagens que foram construídas para os escravos fugitivos foram tão positivas. Há aquelas que os associam claramente aos animais ou com características físicas depreciativas e portadoras de uma estética preconceituosa e segregadora. Novamente o anúncio do escravo José Custódio será utilizado. Ele fugiu no Rio de Janeiro, mas seu anúncio circulou em Minas Gerais, provavelmente por que seu senhor tinha alguma razão para pensar que ele poderia ter buscado ajuda em terras mineiras. José Custódio é descrito desta forma pelo anúncio: “... estatura baixa, cara feia, e mal feito de corpo... olhar de porco...”¹⁹

Gregório, outro escravo anunciado, também não teve melhor descrição. Tratava-se de alguém “...mal encarado no aspecto...”²⁰. Assim como um outro escravo, também africano, que foi descrito por sua senhora como possuidor de um “...semblante carregado...”²¹ Florentina, africana de Moçambique, foi descrita como tendo o “...andar aperiquitado...”²²

Nestes anúncios, o que se percebe são as tentativas, por parte dos senhores, de aproximar os fugitivos a uma realidade animalesca ou grotesca, retirando deles qualquer indicativo de humanidade. Entretanto, os cativos faziam questão de deixar registradas suas índoles de diferentes maneiras e os anúncios nos servem para rastrear as infinitas possibilidades usadas por eles para mostrar aos senhores que havia um limite a seu cativo. Além dos elementos culturais já vistos, outras formas encontradas pelos escravos para mostrar reiteradamente sua capacidade de não aceitar seu fardo foram as fugas, sucessivas ou não, a busca pelos locais onde viviam no passado, o fingir-se forro e os assassinatos de seus senhores.

do escravo do século XIX. In: *Revista de História Regional*: UEGP, 1998, vol.3. n.2.

17 Anúncio do Jornal “O Universal”. 23.5.1831

18 Idem 2.2.1831

19 Idem 12.9.1827

20 Idem 12.6.1826

21 Idem 11.11.1831

22 Idem 1.8.1832



Vejamos cada um destes itens separadamente. Anastácio, um “mulatinho” de 15 anos foi bastante audacioso em sua fuga.²³ Seu anúncio foi publicado no dia 16 de maio de 1831 e consta que, sete dias antes, ele havia sido recapturado de uma outra fuga.

Mais audácia ainda tiveram Elias e Miguel, de procedência Congo e Cabinda. Os dois tinham cerca de 20 anos e já era a terceira vez que fugiam. Desta vez haviam conseguido evadir-se carregando ambos, “...um gancho de ferro ao pescoço com aros de ferro rebatido...”.²⁴ Mas foram recapturados. Cerca de dois anos depois, encontramos novamente os mesmos escravos anunciados como fugitivos, desta vez, era a quarta fuga. Haviam fugido juntos e ambos levavam nos tornozelos esquerdos uma argola de ferro.²⁵

Ainda que não se saiba se Elias e Miguel estivessem juntos nas fugas anteriores há pelo menos duas ocorrências registradas onde ambos estavam associados. O curioso é saber como que dois africanos de origens diversas conseguiram não só fugir juntos, mas, principalmente, fazer isto no mínimo duas vezes, o que demonstra uma provável ligação entre eles, e ainda mais com os ganchos de ferro aos pescoços e depois com as argolas de ferro presas aos tornozelos. E mais surpreendente é saber que em ambas as fugas não foram apanhados imediatamente, ainda que com os apetrechos criados especialmente para impedir estas situações.

A busca pelo passado perdido no momento da compra esteve também presente nos anúncios publicados: Natário, um crioulo de cerca de 30 anos, fugiu de seu senhor e foi para Coramatahi, de onde era natural.²⁶ Parece que a movimentação de fugitivos era constante não só dentro do espaço mineiro, como também entre Minas e Rio de Janeiro. Conforme já visto anteriormente, no dia 9 de abril de 1832, um anúncio publicava que 17 escravos haviam fugido de uma fazenda situada em Campos dos Goitacases, Rio de Janeiro e, segundo o senhor sabia, teriam subido para Minas Gerais.²⁷ O mesmo aconteceu com Salvador, um preto Cabinda fugido da Corte²⁸, e com quatro escravos de Antônio José de Souza Braga.²⁹

Uma alternativa para o escravo fugido era fingir-se de forro em outras terras. Misturando-se a uma população de escravos, mestiços, forros e escravos coartados, não deveria ser muito difícil esconder-se nas cidades e passar como livre. Parece que os escravos fugitivos de Minas Gerais, e também os do Rio de Janeiro, percebiam este fato. Francisco e Joaquim, ambos Benguelas, fugiram

23 Idem 16.5.1831

24 Idem 21.11.1828

25 Idem 14.7.1830

26 Idem, 3.2.1832

27 Idem, 9.4.1832

28 Idem, 14.6.1830

29 Idem, 25.11.1831

levando passaportes e cartas de alforrias falsas;³⁰ José Custódio dizia ser forro, mas era um escravo fugido do Rio de Janeiro³¹, assim como Francisco Pantaleão.³²

Joaquim, escravo da nação Camundá, demonstrou sua não aceitação ao cativo de outra forma: assassinou seu senhor e fugiu. O escravo era propriedade do Frei Antonio da Conceição, guarda e procurador do hospício da Terra Santa na Vila de Sabará e na noite de 31 de janeiro de 1831, assassinou seu senhor com várias facadas e feriu um outro religioso na mão. Logo depois, fugiu.

A Família Escrava

Uma outra maneira de perceber a busca por autonomia e liberdade dos escravos através dos anúncios é identificar a presença da família escrava. A existência da família era um mecanismo que provavelmente dificultava as fugas, contudo, não é possível afirmar que as impediam. A família poderia fazer com que este número decaísse, porém nunca foi um impedimento total.

A historiografia brasileira tradicional deu pouca importância à família escrava, chegando mesmo a afirmar que não existiria.³³ Tais suposições eram baseadas na crença de que ao senhor não era conveniente a formação de famílias no conjunto de seus escravos. E que havia um grande desinteresse por parte do escravo em constituir famílias já que a qualquer momento poderiam ser desfeitas pelo sistema. Alegavam, ainda, que a elevada taxa de masculinidade não favorecia a uniões estáveis. Ou mesmo que as relações sexuais entre os escravos eram apenas instintivas e promíscuas; não cabendo, portanto, a instituição do matrimônio.

A historiografia recente tem procurado analisar a família escrava em suas particularidades. Ela tem aparecido com características bem definidas, quer seja pelo caráter de estabilidade nas relações, quer pela presença da vontade da população escrava intervindo diretamente na escolha do parceiro.³⁴

Analisando por um outro lado, percebe-se que a instituição familiar era um mecanismo de que os grandes proprietários lançavam mão para melhor controlar seus escravos. O senhor tinha consciência de que se o cativo possuísse uma família e, portanto, laços sociais mais fortes e abrangentes através do compadrio com outros escravos, seriam mais difíceis a rebelião e a fuga.

30 Idem, 14.6.1830

31 Idem, 12.9.1827

32 Idem, 22.11.1830

33 GIACOMINI, Sônia. *Mulher e escrava- uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988, p. 29; COSTA, E. Viotti. *Da senzala a colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 257

34 MOTA, J. Flávio. Família escrava: uma incursão pela historiografia. In: *História, Questões e Debates*. Curitiba, 1988

Slenes (1999), analisando famílias escravas em Campinas do século XIX, chama a atenção para o fato de que elas eram uma das instâncias culturais possíveis para a criação de uma identidade negra e que serviam também para “minarem” o poder senhorial na medida em que eram elos da comunidade cativa.

A família possuía, assim, diversas características. De um lado servia em alguns casos como um controlador da escravaria, elemento necessário para a manutenção da tranquilidade nas senzalas; de outro, para o escravo era um meio de aumentar sua socialização, seus mecanismos básicos de adaptação e conseqüentemente melhorar sua condição de vida dentro do sistema. A Antropologia demonstra claramente que o casamento é uma relação social de importância crucial porque, entre outros motivos, relaciona-se com vários fatos sociais que interagem na sociedade. E conclui que os casamentos nos grupos de pequena escala são muito mais importantes do que nas sociedades tidas como “modernas”, já que estes pequenos grupos precisam manter os laços de união e de proteção acarretadas pelo casamento, assim como precisam também manter o nível de nascimentos compatíveis com a sua capacidade econômica.

Sahlins,³⁵ analisando a função do parentesco em sociedades tribais, chegou a conclusão de que uma das maneiras de se obter a paz é o parentesco, porquanto estabelece ligações recíprocas e constantes entre todo o grupo. Acreditamos poder expandir esta análise à comunidade escrava, pois as relações entre estes eram permeadas tanto por estratégias de negociação, que nada mais eram do que a manutenção da paz, como também por rupturas, ou seja, as disputas, principalmente entre africanos e crioulos.

Florentino e Góes³⁶ demonstraram que as relações entre africanos e crioulos eram de constantes possibilidades de conflitos tendo em vista não somente o fato de serem grupos com culturas diferentes obrigado à convivência, mas também ao fato de que as mulheres eram sempre em número reduzido, dificultando as relações sexuais e impondo que determinados sujeitos ficassem sem acesso as suas companheiras.

Infelizmente, através da maioria dos anúncios do jornal não se pode imaginar que tipos de relações familiares possuíam os escravos que fugiam em Minas Gerais, pois apenas em quatro anúncios aparece algum indício sobre ela. Em um deles um casal fugiu junto;³⁷ em outro, são dois irmãos crioulos,³⁸ no terceiro, uma mulher, cujo irmão havia fugido anos antes, fugiu ajudada por um pardo³⁹ e o último anúncio retrata uma mulher que estava acompanhada de sua filha, com 7 anos de idade.⁴⁰

35 SAHLINS, Marshall. *Sociedades tribais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974

36 FLORENTINO, Manolo & GÓES, José R. Op. Cit.

37 Anúncio do Jornal “O Universal”. 18.12.1829

38 Idem, s/data

39 Idem, 178.1831

40 Idem, 9.4.1832

As Doenças

Um outro tipo de informação que pode ser retirada destes anúncios refere-se ao estado de saúde dos escravos fugidos. Ao fornecerem informações que permitissem identificar seus escravos, os senhores acabaram por mostrar os aspectos ligados à saúde destes. Através de doenças, cicatrizes, marcas de doenças e condições psicológicas, pode-se traçar um esboço do que seria a saúde destes cativos. Entretanto, é necessário salientar que os anúncios apresentam inúmeras limitações, como, por exemplo, o uso de termos nada precisos. Um grande problema desta fonte é que por constituir-se de linguagem leiga ou popular, a precisão dos termos das patologias é reduzida e são empregados termos de sentido equivalente, como, "bexiguento", "bexigoso" e "com bexigas", que aparecem tantas e tantas vezes nos anúncios. Essas informações dadas sobre os escravos fugidos não indicam necessariamente que se trata de doentes ativos e portadores do vírus da varíola, podendo ser casos superados em que a doença deixou suas marcas. O lógico seria imaginar que se referem apenas às marcas, pois dificilmente um escravo com a doença e, portanto, em condições de saúde bastante precárias, teria condições de empreender tão arriscada atitude como a fuga. Mas mesmo assim tal fonte pode se tornar útil como introdução ao conhecimento das condições físicas dos escravos que procuravam a fuga como uma alternativa de vida.

De um total de 72 casos, 21 eram portadores de algum tipo de má formação, outros 21 indivíduos possuíam doenças de caráter traumáticas. Vejamos inicialmente o primeiro caso: a má formação era percebida em partes do corpo que possuíam algum tipo de defeito, como por exemplo, pés, braços, joelhos ou pernas tortas ou arcadas, que não poderiam ser associadas a qualquer tipo de trauma. Eram características que remetiam a problemas durante a gestação ou adquiridas com o passar do tempo ao exercerem atividades prejudiciais à saúde.

As doenças traumáticas, ou seja, as que acarretavam feridas, mutilações, cortes ou depois, as que deixavam cicatrizes ou os sinais das feridas, também perfizeram um total de 21 casos, demonstrando o nível de periculosidade das atividades exercidas pelos escravos. Estas marcas apareceram equilibradamente por todo o corpo do cativo.

A seguir, com 10 casos, aparecem as doenças infecto-contagiosas. Destas, apenas uma foi de contaminação por parasitas - sarna. Todas as demais foram contaminações pelo vírus Poxvirus variolae, ou seja, o vírus causador da varíola, conhecida também como Bexiga. Seu contágio se dá de forma direta, pelo suor, espirro, enfim, as secreções de um doente podem causar o contágio em outra pessoa que não esteja imunizada por vacinas. Como não havia nenhum tratamento específico para este mal, a solução encontrada era manter o doente afastado dos demais membros sadios a fim de evitar o contágio. Isto quase nunca era conseguido devido às condições de vida da população que

Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do Jornal "O Universal" - 1825 a 1832.

eram muito precárias. Desta forma, a varíola encontrava um excelente campo para se disseminar. É significativo o número de escravos que apareceram nos anúncios referidos como portadores de varíola ou como bexigosos ou, ainda, como portadores das marcas deixadas pela doença, pois os que a adquiriam, caso conseguissem sobreviver, ficavam marcados pelo resto da vida.

Os demais tipos de doenças - ou seja, as reumáticas, as tumorais, as disfunções óticas e as psicológicas - formam a minoria. Isto não significa de maneira alguma que os escravos fugidos não possuíssem estas doenças. Apenas indica que como estes anúncios eram usados como mecanismos para identificar escravos fugidos, era necessário que o senhor de cada um, fornecesse informações que tornassem possível a sua captura. Assim, dizer que um escravo tinha problemas na coluna ou que enxergava pouco ou que tinha um tumor em alguma parte interna do corpo, de pouco ou nada adiantaria a quem tentasse reconhecê-lo nas ruas. Por este mesmo raciocínio, pode-se entender o porquê de um número tão expressivo de anúncios informando sobre o estado dos dentes dos fugitivos - 11 casos.

O panorama fornecido pelos anúncios permite-nos identificar um quadro de carência alimentar provocando más formações ainda durante a gestação, um diagnóstico de disseminação de doenças virais, no caso, a varíola, exacerbada pelas condições de vida nas senzalas e um tipo de alimentação favorável ao surgimento de diferentes problemas, dentre eles, os dentários.

Considerações Finais

Concluindo pode-se afirmar que apesar dos senhores terem concepções negativas e pejorativas sobre seus cativos, estes não deixaram de produzir sua cultura e de vivenciar formas de sobrevivência, dentro ou fora do sistema escravista. As diferentes maneiras que os escravos encontraram para lidar com a escravidão podem ser entendidas como sendo readaptação de práticas africanas em uma nova realidade permeada pela escravização e pelos contatos com grupos variados⁴¹. Ainda que fossem cativos e tivessem suas possibilidades culturais limitadas pelo cativeiro, encontraram formas de reafirmarem sua humanidade. Estas formas podem ser mais bem entendidas quando se percebe que a escravidão influenciou os homens livres e os não livres e assim, não se pode pensar em uma sociedade dicotômica dividida entre senhores e escravos. A sociedade escravista era muito mais complexa do que isto. Os senhores, em tese, determinavam como as instituições negras e suas práticas culturais e sociais iriam existir. Mas, na prática, eles as aceitavam como parte de uma realidade à qual eles também precisavam se adaptar a fim de manter sua escravaria controlada, ainda que apenas dentro de certos limites.

41 MINTZ, Sidney e PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro Americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas, Univ Candido Mendes, 2003, capítulo 2

Os anúncios do Jornal "O Universal" demonstram um perfil do escravo fugido que se pautou pelo predomínio do homem africano, ainda que seguido de perto pelo crioulo, sem especialização ocupacional, detentor de traços culturais vários e de diversos tipos de problemas de saúde decorrentes das duríssimas condições de trabalho e de vida no sistema escravista. Os anúncios demonstraram ainda que os escravos eram identificados com elementos culturais capazes de facilitar o reconhecimento deles nas ruas, mas, mesmo assim, as imagens passadas pelos senhores sobre esta população se revestiam, na maioria das vezes, de significados negativos. Na totalidade dos anúncios publicados há um evidente predomínio das fugas isoladas mostrando que o ato de fugir era uma decisão tomada de forma solitária. Mas quando africanos fugiam coletivamente, procuravam fazê-lo com seus companheiros culturais, ou seja, a fuga poderia ser para esses indivíduos, uma forma de resgate de seu passado.

Bibliografia

- AGOSTINI, Camilla. Resistência cultural e reconstrução de identidade: um olhar sobre a cultura material do escravo do século XIX. In: *Revista de História Regional*, UEPG, 1998, vol.3. n.2.
- ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. *Alterações nas unidades produtivas mineiras: Mariana, 1750-1850*. Niterói, 1994. Dissertação (Mestrado em História) - UFF.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Escravismo e dinâmica da população escrava nas Américas. In: *Estudos econômicos*. São Paulo, 1983, vol.13.
- CLASTRES, Pierre. Da tortura nas sociedades primitivas. In: *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed. 1990.
- COSTA, E. Viotti. *Da senzala a colônia*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- FLORENTINO, Manolo & GÓES, José R. Tráfico negreiro e estratégias de socialização parental entre os escravos do meio rural do Rio de Janeiro - 1790-1830. In: LEMOS, Maria T. *América Latina e caribe: desafios do século XXI*, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1995.
- GIACOMINI, Sônia. *Mulher e escrava* - uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- GRAF, Marcia Elisa de Campos. O escravo no cotidiano: através dos anúncios dos jornais paranaenses da segunda metade do XIX. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Tropicologia*, 1986. Recife.
- LUNA, Francisco V. e CANO, Wilson. Economia escravista em Minas Gerais. In: *Cadernos do IFCH-UNICAMP*. Campinas, n. 10, out. 1983
- LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da posse de escravos. In: *Minas Colonial: Economia e sociedade*. São Paulo: FIPE e Pioneira Ed. 1982
- MATTOSO, Katia Q. *Ser escravo no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1990.

Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do Jornal "O Universal" - 1825 a 1832.

Locus:
revista de
história,
Juiz de Fora,
v. 12, n. 2,
p. 59-74, 2006

Marcia
Amanitino

MOTA, J. Flávio. Família escrava: uma incursão pela historiografia. In: *História, Questões e Debates*. Curitiba, 1988

RUGENDAS, J. M. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo. Martins Ed. 1954.

SAHLLINS, Marshall. *Sociedades tribais*, Rio de Janeiro, Zahar, 1974

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil Colonial*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Locus
revista de
história,
Juiz de Fora,
v. 12, n. 2,
p. 59-74, 2006

74